

Os casamentos *à la libertária* sob a pena de Lucía Sánchez

Saornil: a crônica de uma covardia espiritual

Thiago Lemos Silva¹

Resumo: O propósito deste ensaio é interrogar o fenômeno dos casamentos *à la libertária*, que teve lugar em Madrid, na Espanha, durante o primeiro ano da guerra civil e da revolução social. Para tanto, traz à tona as crônicas de Lucía Sánchez Saornil publicadas em alguns títulos da imprensa anarquista e anarcossindicalista. A partir de um enfoque de gênero, problematizo as (des)continuidades presentes na forma de encarar os papéis conferidos a homens e mulheres nos campos militar, econômico, político, cultural e, principalmente, sexual.

Palavras-chave: Anarquismo; Gênero; Guerra Civil Espanhola; Revolução Social Espanhola.

Em 04 de fevereiro de 1937, os anarquistas Francisco Fernandez Carrasco e Felisa Gonzáles Ortiz selaram seu enlace matrimonial. A cerimônia ocorreu na sede local do Sindicato Único do Transporte, de Madrid, ao qual ambos eram filiados. O ato que uniu o jovem casal libertário foi lavrado em ata, tendo como testemunhas outros membros do referido organismo sindical. A solenidade foi assistida por um nutrido grupo que ouviu atentamente o breve discurso de Mauro Bajatierra a respeito do amor livre. Ao som das palavras do prestigiado companheiro, Francisco e Felisa eram saudados com efusivos aplausos, que registravam o começo da tão desejada nova era introduzida pelo socialismo libertário no país, desde o 19 de julho do ano anterior (SEM AUTORIA. Sociales. Unión libre patrocinada por el Sindicato Único del Transporte. CNT. Madrid. 05/02/1937).

Esse ato que teve lugar na capital madrilenha, em princípios de 1937, no sindicato filiado à Confederação Nacional do Trabalho, não foi o único durante o primeiro ano da guerra civil e da revolução social na Espanha. Celebrações similares poderiam muito bem ter tido lugar em algum ateneu vinculado à Federação Anarquista Ibérica, na cidade de Valência; na redação de algum periódico vinculado à Federação Ibérica das Juventudes Libertárias, na cidade de Bilbao; em algum escritório de Solidariedade Internacional Antifascista, na cidade de Barcelona... Factual ou ficcional, a verdade é que a lista seria infindável se fôssemos realmente inventariá-la.

Os casamentos *à la libertária*, como ficaram conhecidos na história, revelam em larga medida os impasses da política de gênero do anarquismo espanhol, situada em um umbral de

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

indistinção entre o velho mundo que parecia ruir e o novo mundo que estava se forjando. Esses impasses foram objeto de uma lúcida reflexão da parte de Lucía Sánchez Saornil², uma das poucas vozes que ousou se erguer contra as cerimônias matrimoniais que pulularam nos meios anarquistas e anarcossindicalistas de uma ponta a outra da Península Ibérica. A amplitude e contundência de sua crítica podem ser evidenciadas no seguinte trecho:

Nós estimamos [...] que em um período de profunda transformação revolucionária não existe detalhe nem acontecimento, por menos importante que pareça, que não deva ser examinado por nós com profunda atenção. Estas coisas que supomos pequenas, às vezes têm uma importância transcendental na vida da relação entre os indivíduos, que é o fundamento básico de todo edificio social (SAORNIL, Lucía Sánchez. La ceremonia matrimonial o la cobardia del espíritu. *Juventud Libre*. Madrid. 02/03/1937)³.

É nessa reflexão feita pela anarquista que gostaria de deter minha atenção, orientada por um conjunto de perguntas que pode assim ser formulado: de que modo ela incide sobre os papéis masculinos e femininos? Em que medida ela identifica nesse modelo de união a perpetuação da dominação masculina? E, por fim, estaria ela acenando para a ruptura de um modelo de união heteronormativo? Para responder, ou melhor, formular tais perguntas, percorro os escritos de Lucía Sánchez Saornil a partir de um enfoque de gênero, que julgo pertinente para entender a subversão e/ou acomodamento das relações sociais entre homens e mulheres durante o primeiro ano de guerra/revolução espanhola, tomando como palco a cidade de Madrid.

Dentre a vasta e heterogênea obra da fundadora de *Mujeres Libres*, que compreende artigos, ensaios, poesias e reportagens, destaco suas crônicas publicadas na imprensa anarquista e anarcossindicalista, entre 1936 e 1937. Examinando títulos tais como *CNT*, *Juventud Libre* e *Fragua Social*, optei por suas crônicas enquanto fonte documental privilegiada por causa da importância que esse gênero literário assumiu para a autora. Sempre

² Lucía Sánchez Saornil nasceu em 13 de dezembro de 1895, em Madrid. Oriunda de uma família proletária, formou-se de modo autodidata. Entre 1914-1928, se destaca enquanto poeta, participando ativamente do modernismo e depois, do ultraísmo. Em fins da década de 1920, por causa do aumento dos conflitos laborais na Telefônica, onde trabalha, vincula-se à central de orientação anarcossindicalista CNT. Durante a guerra/revolução, teve um papel de destaque em várias organizações. Além de CNT, foi ativa na FAI, SIA e Mujeres Libres, da qual foi fundadora. Com a derrota para Franco, Lucía se exila na França, de onde retorna cerca de três anos depois. Durante o franquismo, mantêm-se completamente desligada das atividades políticas. Lucía morreu em 02 de junho de 1970 em Valencia, vitimada por um câncer de pulmão. Ver: MIGUEL; ROTISCHELLI; SILVA, 2015, p.13-29.

³ Todas as traduções de textos em língua estrangeira são de minha autoria.

atenta, sua pena registrou os fatos – grandiosos ou humildes – que compuseram o curso dos eventos daquela cidade, então convertida no “coração do mundo”⁴.

Valendo-se de notícias chegadas da imprensa ou de informações colhidas *in loco*, ela (re)criou imaginativamente a vida cotidiana que pulsava nas frentes e nas retaguardas de Valencia, Barcelona e, principalmente, Madrid, onde foi testemunha ocular dos primeiros dias de luta contra o fascismo. Muitas vezes ocultada pelo anonimato⁵ ou pela pseudonímia⁶, Lucía produziu escritos que conseguiram resistir à erosão dos tempos e se revestir de uma grande atualidade. Não por acaso, parte de suas crônicas chegou a ser publicada em formato de livro pelo quadro editorial de *Mujeres Libres*, em 1937, com o título *Horas de Revolución*⁷. No pequeno prefácio que abre a obra, podemos ler as seguintes palavras que atestam nosso juízo de valor:

Pena certa, dizem de Lucía Sánchez Saornil. É verdade, ainda que essa definição não defina integralmente seu valor de escritora. Além de uma inteligente espontaneidade, em Lucía existe uma fibra temperamental única [...] Sem alardes literários, com um profundo espírito revolucionário, Lucía Sánchez Saornil ainda nos oferece os diversos sentimentos e a enorme emoção vividos por um povo heróico e por ela (SAORNIL, [1937],p.1).

A partir da sua escrita cronística, busco entender como o gênero – “um elemento constitutivo das relações a partir das diferenças percebidas entre os sexos” – opera a nível das representações, normas, instituições, subjetividades e, sobretudo, da distribuição de poder entre homens e mulheres (SCOTT, 1995, p.86) durante o primeiro ano da guerra civil e da revolução social na então capital da Espanha. Nesse momento particularmente rico do projeto libertário nos múltiplos domínios da vida social – economia, política, cultura, sexualidade etc – madrilenos e madrilenas experimentaram tensões profundas quanto aos papéis masculinos e femininos, que podem ser percebidos no modo como trabalharam, lutaram, educaram e amaram durante seu curto, porém, intenso “verão de anarquia”⁸.

⁴ Imagem evocada por Lucía no poema Madrid, Madrid, Mi Madrid. Ver: SAORNIL, [1938], p.11-14.

⁵ Algumas das crônicas publicadas por Lucía no livro *Horas de Revolución* foram originalmente publicadas no diário *CNT*, de Madrid, sem sua autoria.

⁶ Me refiro aqui aos pseudônimos *El Vigia* e *El Observador*, com os quais Lucía assina as crônicas publicadas nas colunas *Atalaya* e *Puntos de Vista*, no diário *CNT*, de Madrid, entre fins de 1936 e início de 1937. Essa descoberta foi feita por mim e o companheiro espanhol J.Acuña, do Coletivo *Anarquismo en PDF*, quando confrontávamos a versão das crônicas publicadas em *CNT* com a das crônicas publicadas em *Horas de Revolución* para a edição de uma antologia digital. Ver: SAORNIL, 2021. Outro pseudônimo, *La Compañera X*, já havia sido mencionado por Antonia Fontanillas em outras ocasiões. Ver: FONTANILLAS, 2008,p.28-32.

⁷ Algumas das crônicas presentes em *Horas de Revolución* já foram publicadas em português. Ver: RAGO; BIAJOLI, 2008.

⁸ Feliz expressão que tomo de empréstimo de Hans Magnus Einzenberg. Ver: EIZENBERGER,1987.

Em 19 de julho de 1936, Lucía preparava o quarto número da *Revista Mujeres Libres*, junto com Mercedes Comaposada e Amparo Poch y Gascón. O referido número, entretanto, nunca veio à luz, ao menos não na forma que suas redatoras o imaginavam⁹. Sua preparação foi interrompida abruptamente pela sublevação militar fascista, que não aceitava o resultado da eleição de fevereiro daquele mesmo ano, na qual saíram derrotados para um governo de frente ampla, encabeçado por partidos republicanos, socialistas e comunistas. Diante da incapacidade de conquistar o poder nas urnas, tentaram tomá-lo por meio das armas.

A sublevação só não assumiu uma proporção maior naquele momento, graças à resistência das milícias operárias, que foram se formando ao redor de centrais sindicais, em particular da *CNT*. Enquanto o Exército que se manteve leal à República esperava a restituição da ordem por meio de apelos diplomáticos do presidente Manuel Azaña, o povo trabalhador tomou os quartéis de assalto, se armou como pode e foi para a rua enfrentar os fascistas. Lucía Sánchez Saornil, que se somou a vários desses enfrentamentos nos primeiros dias de luta em Madrid, observou que, apesar da inexperiência militar, a resposta das milícias foi positiva. Em 25 de julho, quando o diário *CNT* volta a ser publicado novamente¹⁰, ela escreveu que:

É preciso conhecer a gesta gloriosa do povo ibérico em detalhe, única talvez na história do mundo. Um povo que afirma plena e valentemente seu espírito [...] indomável contra um exército inteiro sublevado. Todo o militarismo – disciplina férrea, submissão absoluta, conceitos absurdos de pátria, de honra, de força – afundou apenas com a vontade do povo. Dizemos “foi” porque a fé em nós mesmos dá como certa a vitória (SAORNIL, Lucía Sánchez. *El pueblo por la libertad I*. *CNT*. Madrid. 25/07/1936).

O desfecho rápido e vitorioso para o conflito vislumbrado pela cronista não chegou, entretanto, a se concretizar. Como mostrarão os esforços contínuos de mobilização nos meses

⁹ Os três primeiros números de *Mujeres Libres* saíram em maio, junho e julho de 1936, em formato de revista. Com a eclosão da guerra e da revolução, a revista foi momentaneamente suspensa. Voltou à luz somente em setembro, em forma de jornal, sem número, apenas com a indicação *Dia 65 de la revolución*. Permanece assim até julho de 1938, no número 10, quando volta ao formato revista. Desde então, são publicados mais três números. O décimo terceiro já estava na prensa, quando os fascistas tomaram Barcelona e destruíram a gráfica. Ver: BERNARD, 2015, p.13-38. Depois do quarto número, Lucía não assinou nenhum outro tipo que não suas poesias.

¹⁰ O diário *CNT* surgiu em 1932 e teve sua circulação suspensa em 1934, por causa da repressão desencadeada a partir da Revolução de Astúrias no mesmo ano. Ver: URIGUEN, 2012, p.15-39. Lucía era secretária de redação do referido periódico desde 1933. Nele, já havia refletido sobre iminência da guerra/revolução de 1936, utilizando o pseudônimo *La Compañera X*. Ver: LA COMPAÑERA X [SAORNIL, Lucía Sánchez]. *Ante la guerra y el fascio – La mujer en el camino de la revolución I ;II*. *CNT*. Madrid. 29/08/1934;12/09/1934.

subsequentes, fazia-se necessário que mais homens e mulheres se mantivessem engajados na luta armada para afastar a ameaça fascista das terras espanholas. A própria Lucía revelou seu desejo de permanecer nessa luta, até que se deu conta de que contribuiria mais em outra. Os motivos que a levaram a trocar a arma recém-conquistada no assalto ao *Cuartel de la Montaña* pela pena que sempre a acompanhou são apresentados da seguinte maneira:

Nosso desejo de lutar, de ir aos lugares perigosos, de colocar nosso grão de areia na causa da liberdade, teve que se curvar às necessidades do momento; como “soldados” da revolução, ocuparemos, não o posto que gostaríamos, mas aquele nos foi atribuído como mais conveniente; e a conveniência manda que substituamos a arma pela pena; uma arma mais útil; menos mortífera, menos heroica, mas ainda sim uma arma, que tem eficácia e desempenhou seu papel na história do progresso humano (SAORNIL, Lucía Sánchez. *El pueblo por la libertad I. CNT. Madrid. 25/07/1936*).

Simultaneamente à guerra civil, se desenvolveu também a revolução social. Nos territórios liberados do jugo fascista, as classes trabalhadoras dos campos e das cidades iniciaram um profundo processo de transformação das estruturas econômicas, políticas, militares e culturais do país. Desde Madrid, Lucía registrou os avanços obtidos graças às conquistas revolucionárias, em larga medida tributárias do ideal libertário, que podiam ser sentidos na autogestão da economia por parte das coletividades rurais e urbanas, na atuação das milícias populares e na constituição da unidade antifascista de baixo para cima. A cronista dá destaque também para o estreitamento das redes operárias de solidariedade internacional, o desenvolvimento da pedagogia libertária e a construção de novas concepções de serviço social e sanitário, baseadas nos princípios do apoio mútuo.

O protagonismo da *CNT* na orientação dessas conquistas é traduzido por Lucía numa de suas crônicas, que nos devolve um pouco da dimensão histórica que a central anarcossindicalista teve naquele processo. A ausência dos setores revolucionários entre as fileiras antifascistas conduzia a anarquista à conclusão de que Confederação Nacional do Trabalho era a melhor intérprete dos anseios de mudança popular. “A CNT afirma sua vontade de converter em realizações práticas os sonhos de emancipação do povo, do povo que é ela própria, porque é o povo quem a integra, quem a mantém, e, sob essas três letras já gloriosas, modela com as suas próprias mãos as formas da vida futura”, escreveu ela (SAORNIL, 1937, p.58).

Apesar dos avanços, houve estagnações e até retrocessos, muitos dos quais realizados por setores antifascistas que eram abertamente contrarrevolucionários, como o Partido Comunista Espanhol. Sempre vigilante, Lucía não hesitou em denunciar esse fenômeno, ao

apontar os resquícios de privilégio deixados pelo antigo regime burguês sob a forma do regime de diferenciação salarial, a racionalização do trabalho importada do Stakhnovismo e a hierarquização das forças militares. A permanência das práticas caritativas próprias do cristianismo, a instrumentalização da cultura para fins de dominação política e a entrada no jogo da diplomacia burguesa são outros pontos destacados pela anarquista.

Justificadas com o pretexto de ganhar a guerra, tais atitudes acabavam impondo um claro limite ao processo revolucionário, o que colaborava diretamente para a restauração da antiga ordem. As intenções, voluntárias ou não, dessa estratégia foram colocadas a nu pela nossa cronista em várias ocasiões. “A guerra tem uma razão e um objetivo”, registrou Lucía, “e este objetivo e esta razão são, simplesmente, a revolução social”. Na sua avaliação, é por ela que “o povo combate e é necessário que essa verdade não possa ser negada, nem escamoteada por ninguém entre tintins e palavras ocas” (EL OBSERVADOR [SAORNIL, Lucía Sánchez]. *Revolución y contrarrevolución – Puntos de Vista. CNT. Madrid. 09/02/1937*).

A partir das transformações abertas pela guerra e revolução, os homens e as mulheres experimentaram tensões significativas quanto às relações sociais de gênero. A desestruturação das antigas instituições acabou por afrouxar a rigidez dos papéis masculinos e femininos, abrindo precedentes para possibilidades até então inéditas em solo espanhol. Num escrito dedicado à crônica da *Agrupación Mujeres Libres* de Madrid¹¹, a sua então secretária local retoma e realça essa dimensão.

Inesperadamente – escreveu ela – a guerra lançava as mulheres à rua. As condições únicas, sem precedentes, em que o movimento foi produzido, arrebatavam os homens do lar, sem tempo para retê-los com jogos de velhos e caducos sentimentalismos. O desmoronamento simultâneo de todos os recursos do Estado, de todos os subterfúgios da autoridade, deixava as mulheres totalmente abandonadas às suas próprias forças e obrigadas a resolver, por si mesmas, o problema gigantesco de sua própria existência (SAORNIL, Lucía Sánchez. *La mujer en la guerra y la revolución - La Agrupación Mujeres Libres. CNT. Madrid. 30/01/1937*).

Com efeito, é possível perceber muitas rupturas quanto aos papéis comumente designados às mulheres. Nesse momento, acompanhamos, por meio da imprensa, a incorporação dessas à vida social espanhola, destacando seu papel na luta armada, na vida

¹¹ A primeira agrupação de *Mujeres Libres* surgiu em Madrid em julho de 1936. Em setembro do mesmo ano, surgiu a agrupação de Barcelona. Nos meses subsequentes foram surgindo outras em Valencia, Aragón, Almería, País Vasco e outras localidades. Em agosto de 1937, essas agrupações criaram a Federação Nacional de *Mujeres Libres*, que teve Lucía como secretária nacional. Ver: ACKELSBURG, 2019.

política ou na força de trabalho como um todo. Mas, é possível perceber igualmente muitas continuidades, sobretudo quando se analisa os papéis designados aos homens. Nesse mesmo momento, esses parecem permanecer alheios aos cuidados com as pessoas feridas, às demandas da vida familiar ou então de participação no trabalho reprodutivo. Essa ambivalência não escapou à pena de Lucía Sánchez Saornil, para quem os organismos

acostumados a se desenvolverem com precisão mecânica não podem levar em conta as profundas transformações psicológicas que se operam nos indivíduos. Atendo-se ao velho conceito da galanteria protecionista, tomando conta da tradicional debilidade feminina, pretendem afastar a mulher das zonas perigosas, quando ela já conquistou a honra de permanecer na primeira fila [...] Que se dê todo o tipo de facilidades às que queiram se afastar de Madrid; mas não forcem aquelas que, com o mesmo direito que os homens, querem dedicar suas atividades e suas vidas à derrota do fascismo e à edificação revolucionária (SAORNIL, Lucía Sánchez. *La mujer en la guerra y la revolución* - *La Agrupación Mujeres Libres*. CNT. Madrid. 30/01/1937).

É no interior desse movimento ambivalente – a um só tempo de ruptura e continuidade – que se inserem e se articulam os casamentos *à la* libertária, fenômeno que a fundadora de *Mujeres Libres* submeteu a uma crítica demolidora.

Após uma longa viagem pela frente de Brihuega, para cobrir aquela que ficou conhecida como a maior vitória das forças antifascistas¹², Lucía relata que passou pelo Ateneu Libertário de Madrid, possivelmente para colher informações com o propósito de escrever algo mais ameno sobre a vida na retaguarda. Ao chegar à sala do espaço, nossa cronista se deparou com “um grande amontoado de atas matrimoniais, certificadas por camaradas do seu Comitê, em representação do mesmo”. E continua o relato afirmando que, assim como naquele ateneu, era “seguro que poderíamos encontrá-las em qualquer sindicato ou nas oficinas de um batalhão confederal” (SAORNIL, Lucía Sánchez. *La ceremonia matrimonial o la cobardia del espíritu*. *Juventud libre*. Madrid. 02/03/1937).

Unões como essas registradas por Lucía eram celebradas pela militância anarquista como parte constitutiva do próprio processo revolucionário, que desde o século XIX se

¹² A esse respeito, ver: SAORNIL, Lucía Sánchez. *Lo que yo he visto en Brihuega*. CNT. Madrid. 22/03/1937.

preocupou com a “questão sexual” enquanto parte constitutiva da “ questão social”¹³. Partindo de uma perspectiva neomalthusiana, entenderam que o controle da natalidade deveria se converter em uma questão chave na mudança revolucionária. Ante a procriação irrefletida e inconsciente, que reduzia a mulher a condição de máquina destinada a fabricar uma prole numerosa e pobre, defenderam a ideia de procriação refletida e consciente, construindo um contexto favorável para que as mulheres pudessem escolher onde, quando e com quem teriam seus filhos e filhas.

Essa relativa autonomia entre sexualidade e reprodução ensejou, da parte dos e das militantes, concepções menos rígidas e mais oxigenadas de moral sexual em relação às da maioria dos homens e mulheres da época. Na direção contrária dos malthusianos clássicos, defendiam que a abstinência sexual era um preconceito religioso que não ajudava em nada. Ao invés disso, advogavam a utilização de métodos contraceptivos para que os homens e as mulheres pudessem gozar livremente de sua sexualidade. “Em nossos centros culturais bastava – observou ela – um jovem se encontrar com alguém do sexo contrário que a questão sexual surge como que por encanto e a liberdade de amar tornava-se o único tema da conversa” (SAORNIL, Lucía Sánchez. *La cuestión femenina en nuestros médios V. Barcelona. Solidaridad Obrera*. 30/10/1935).

Tais concepções tiveram um efeito considerável sobre o que compreendiam por amor e os relacionamentos conjugais que se desdobrariam dele. No lugar do casamento monogâmico indissolúvel, advogava-se a união livre, quer dizer, a capacidade de homens e mulheres escolherem voluntariamente suas companheiras e seus companheiros sem dar satisfação à Igreja ou ao Estado. Neste tipo de enlace, os únicos critérios a serem levados em conta eram o desejo sexual e/ou os laços afetivos que uniam o casal e que, quando deixavam de existir, poderiam resultar em separação.

Enfim, parecia que as ideias longamente refletidas sobre sexualidade, amor e família pareciam estar se concretizando por meio de medidas práticas durante a guerra civil e a revolução social. Assim como em Barcelona, Valencia e outras localidades da Espanha revolucionária, em Madrid existiam consultórios psicosssexuais, foram facilitados métodos contraceptivos, criadas casas de maternidade e notou-se um maior planejamento familiar (MARIN, 2018, p. 212-247)

No entanto essa não era exatamente a opinião de Lucía. Na sua crônica escrita para o periódico *Juventud Libre*, ela não conseguiu reprimir o desgosto frente aos modos de reação

¹³ Em trabalho anterior, já havia analisado as visões da autora sobre o tema, no período anterior a 1936. Ver: SILVA, 2017, p. 86-99.

dos companheiros e das companheiras que estavam borrando as diferenças entre o amor escravo e o amor livre. Em tom de espanto, ela escreveu que: “haverá, sem dúvida, alguém que pretenda negar a importância destas coisas, alguém que estime que não vale a pena encher duas páginas com assunto semelhante, e até tratará de sorrir e fazer piadas mais ou menos decorosas em torno da questão” (SAORNIL, Lucía Sánchez. La ceremonia matrimonial o la cobardia del espíritu. *Juventud libre*. Madrid. 02/03/1937).

O espanto externado pela cronista no órgão periódico das Juventudes Libertárias não era um dado fortuito, destituído de importância como fazia crer a indiferença de alguns ou o sarcasmo de outros. Pelo contrário, ele sustentava e era sustentado na proposta de amor livre, que décadas após décadas foi teorizada por anarquistas e que agora deveria ser colocada em prática. Retomando argumentos já esboçados na sua série de artigos sobre *A questão feminina em nossos meios*¹⁴, a autora recorda a associação entre casamento e prostituição, a qual os e as anarquistas que cediam às tentações do casamento *à la* libertária pareciam ter esquecido.

Enchemos jornais, revistas e até livros condenando os velhos formulismos matrimoniais e relacionando-os, muito corretamente, com o que era a base do sistema social capitalista: a prostituição. A prostituição em todos os seus aspectos: a prostituição do homem que precisava hipotecar seu pensamento e suas ideias para comer; a prostituição da mulher que precisava, pela mesma causa, de chegar até a venda de seu próprio corpo. A prostituição, consequência obrigatória da exploração (SAORNIL, Lucía Sánchez. La ceremonia matrimonial o la cobardia del espíritu. *Juventud Libre*. Madrid. 02/03/1937).

A associação feita pela anarquista entre casamento e prostituição era tributária da representação ideológica dos papéis de gênero na sociedade capitalista. Ora, representar os homens como naturalmente dotados de altivez, coragem e razão, por um lado, e as mulheres como naturalmente dotadas de submissão, passividade e afeto, por outro, não é um dado aleatório. Ele revela a materialidade das normas cotidianas que autorizam os homens a adentrarem o espaço público, assumirem os cargos de liderança na política ou então a se colocarem à frente do competitivo mundo do trabalho, e as mulheres a permanecerem confinadas no espaço privado, adotando a responsabilidade pela criação dos filhos e tomando conta do lar ou então nos prostíbulos satisfazendo aos homens.

No interior dessa divisão sexual do trabalho, as mulheres se tornavam dependentes dos homens e, na impossibilidade de contar com recursos próprios para garantir sua autonomia, se

¹⁴ Trata-se da célebre polêmica de Lucía com Mariano Vazquez no jornal barcelonês *Solidaridad Obrera*, em fins de 1935. Estes artigos, somado a outros, foram traduzidos e organizados por mim para o português, em 2015. Ver: SAORNIL, 2015.

viam obrigadas a se submeter aos seus caprichos. Essa dependência está na base da exploração que eles exercem sobre elas, seja para perpetuação da prole, seja para satisfação do seu desejo sexual. Pouco importa aqui se a mulher é explorada por apenas um homem (caso da esposa), ou se a mulher é explorada por vários (caso da prostituta). Infelizmente, sua sentença feita em 1935 era uma realidade que nem mesmo as transformações da guerra e da revolução conseguiram alterar: para a mulher, o “único horizonte era, e ainda não deixou de ser, o prostíbulo ou o matrimônio” (SAORNIL, Lucía Sánchez. *La cuestión femenina en nuestros medios II*. Barcelona. *Solidaridad Obrera*. 02/10/1935).

A fundadora de *Mujeres Libres* nunca desenvolveu uma teoria sobre o amor livre, ainda que, nos anos que precedem a sua conversação com o anarquismo, tenha escrito centenas de versos acerca do tema, sob o pseudônimo de Luciano de San Saor. Sob esse pseudônimo, eu lírico masculino que fala a um interlocutor feminino, a autora rompe com a concepção platônica de amor, típica do modernismo novecentista, e explora a temática do amor paixão, inaugurada pela estética vanguardista vinculada ao ultraísmo. O fato de Lucía Sánchez Saornil se ocultar, para alguns, ou se revelar, para outros, sob o pseudônimo de Luciano de San Saor, levou a historiografia literária a duas interpretações: a primeira entende que se trata de uma criação estética alheia à confissão sentimental (ANDERSON, 2001, p.197). A segunda o toma como expressão literária do seu desejo lésbico (ARGUELLES, 2008, p.159).

Ainda que existam evidências de (re)conhecimento de seus escritos poéticos dentro dos meios libertários¹⁵, é difícil avaliar até que ponto suas concepções ultraístas, da juventude, e suas posições anarquistas, da maturidade, dialogam quando o assunto é o amor livre¹⁶. Se, na sua produção poética sobre o amor livre, nos anos 1910 e 1920¹⁷, ela refuta explicitamente o ideal feminino que representa a mulher enquanto objeto amado de simples veneração, e, em seu lugar, constrói uma feminilidade outra, alçando a mulher como sujeito ativo do desejo sexual, na sua produção prosaística sobre o tema nos anos de 1930, o amor livre não é

¹⁵ Numa reportagem sobre a luta de *Mujeres Libres*, que saiu em novembro de 1936, no jornal francês *Le Petit*, encontramos elementos preciosos para seguir essa pista. Nela, Henry Dalmas entrevista uma integrante anônima da organização que tece os seguintes comentários sobre Lucía: “- Você não pode ir até Saornil, sem antes saber quem é ela. Trata-se de uma jornalista e poeta. Suas estrofes sobre o amor livre, são o que existe de mais lindo, camarada” (DALMAS, Henri. Dans Madrid assiégé... une soir chez le “femmes libres” qui organisent la résistance de l’arrière. *Le Petit Journal*. Paris.11/11/1936).

¹⁶ Em agosto de 1933, Lucía escreveu um texto no qual faz uma dura autocrítica acerca de sua participação na geração de 1919, tal como ficou conhecida a geração que introduziu o ultraísmo na Espanha. Ver: SAORNIL, Lucía Sánchez. *Literatura nada más*. CNT. Madrid. 14/03/1933.

¹⁷ Sua produção poética desse período pode ser conferida em: CASAMITJANA, 1996.

tematizado em si, mas, como parte de um projeto no qual a liberdade sexual feminina é uma parte que, ligada a outras, conforma um todo maior: a liberdade integral.

Seja como for, nas poucas linhas em prosa que dedicou ao tema, limitou-se a assinalar o que já havia sido escrito por outros nomes da militância anarquista¹⁸. Em sua visão, a autonomia era a pedra de toque do amor livre. Para que pudessem efetivar uma união sem qualquer outro critério que não fosse o sexual e/ou sentimental, era necessário assegurar que cada um e cada uma tivessem suas necessidades – materiais e espirituais – satisfeitas. Daí a importância de se re(a)presentar os papéis de gênero, de modo que o homem possa ver na mulher uma igual, pedindo à ela para unir “sua vontade ao vasto movimento de emancipação integral que implantará sobre a face da Terra um sistema de convivência mais justo e mais humano”(SAORNIL, Lucía Sánchez. *La cuestión femenina en nuestros médios II*. Barcelona. *Solidaridad Obrera*.02/10/1935).

Não por acaso, a *Agrupação Mujeres Libres* de Madrid foi pioneira nesse sentido. Tendo à sua frente Lucía no secretariado local, buscou estabelecer uma série de ações para modificar a curto e longo prazo a situação das trabalhadoras, que logo foram tomadas como fonte de inspiração para as outras agrupações que começavam a surgir nas demais partes da Espanha revolucionária. Ao lado da revista homônima, programas de alfabetização, cursos técnico-profissionais, creches anexas às fábricas, restaurantes populares e campos de treinamento militar, a referida agrupação focou na facilitação de métodos contraceptivos, cursos de maternidade consciente e, não menos importante, os liberatórios da prostituição, que visavam acabar com a exploração sexual feminina e, ao mesmo tempo, permitir com que aquelas mulheres tivessem outra profissão.

O relativo silêncio de Lucía Sánchez Saornil no que se refere ao tema é sintomático de sua concepção de que o amor livre na sociedade capitalista é algo mais difícil de aplicar na prática do que se conceber na teoria. De todo modo, numa sociedade socialista em curso, era necessário que, simultaneamente à destruição da propriedade privada, o sentimento de posse também fosse atacado. Nessa direção, a mudança do mundo pressupõe, ao mesmo tempo, a mudança de si¹⁹, princípio que ela traduz sem meias tintas no trecho que citamos abaixo.

Se a revolução é reforma de costumes, comecemos por aí; mas logo, rapidamente, levemos à vida tudo o que ontem constituía nossas aspirações, nossa lei e nossos princípios. Dissemos outro dia que a Revolução deveria começar em nós próprios, e, se não o fizermos, perderemos a revolução

¹⁸ Lucía cita com alguma frequência o livro “L’Amour libre”, de Charles Albert, publicado em 1899 e traduzido para o espanhol em 1900.

¹⁹ Essa dimensão da subjetividade foi amplamente desenvolvida em: RAGO, 2009.

social, nem mais, nem menos, nossa mentalidade burguesa não fará senão revestir os velhos conceitos com roupas novas, conservando-os em toda sua integridade (SAORNIL, Lucía Sánchez. La ceremonia matrimonial o la cobardía del espíritu. *Juventud Libre*. Madrid. 02/03/1937).

A propósito do posicionamento crítico de Lucía em torno dos modelos de uniões, há uma divergência interpretativa. Enquanto historiadoras, como Antonia Fontanillas, veem sua origem em um desdobramento lógico do desafio anarquista ao discurso da domesticidade (FONTANILLAS, 2014, p.39), outras historiadoras, como Mary Nash, assinalam que essa postura se deve muito mais a sua experiência vital enquanto lésbica (NASH, 1999, p.143). Como se sabe, Lucía nunca deixou nenhum registro – público ou privado – no qual declarava sua identidade sexual. O pouco que se sabe a esse respeito, são especulações feitas a partir de testemunhos indiretos, que lhe designam tanto pares masculinos, quanto pares femininos. No caso do primeiro, trata-se do testemunho de Rafael Cansino Assens, que, na sua autobiografia, afirma que Lucía foi noiva de César Comet, com quem ela compartilhou as fileiras da vanguarda ultraísta, em Madrid (ASSENS, 1982, p. 262). No caso do segundo, trata-se do testemunho de Pepita Carpena, que, na entrevista dada no documentário de Lisa Berger e Carol Mazer, afirma que Lucía foi companheira de América Barroso, a quem conheceu no semanário gráfico *Umbral*, em Valencia (BERGER; MAZER, 1986, m.20:46).

Os trabalhos que visam ora tirar, ora colocar a anarquista no armário deixam, entretanto, escapar um detalhe que parece ser mais interessante: seu questionamento quanto à própria ideia de armário. Escutemos o que a própria Lucía tem a nos falar:

[...] se nós passamos os anos afirmando que para a união de dois seres bastava o livre consentimento de ambos e que um certificado matrimonial não era outra coisa que um contrato de venda, que explicação daremos à estas absurdas cerimônias, que começaram a se banalizar nos organismos sindicais? E é duplamente vergonhoso, porque este ato não é senão uma cópia fiel da cerimônia canônica, já que para que surta efeitos jurídicos, há de ser, como aquela, mais tarde confirmada e legalizada pelo Tribunal. E reafirmamos o vergonhoso, porque, no fundo, não representa outra coisa que a intromissão pública no ato carnal. A tradução de uma função simples e natural em um acontecimento espetacular de categoria pornográfica (SAORNIL, Lucía Sánchez. La ceremonia matrimonial o la cobardía del espíritu. *Juventud Libre*. Madrid. 02/03/1937).

Em escritos anteriores devotados à crítica das práticas equivocadas de amor livre na sociedade capitalista, a autora deixa claro que está falando de homens e mulheres em relações

heterossexuais²⁰. Nesse escrito, entretanto, a cronista não faz menção alguma ao gênero e/ou à sexualidade das pessoas engajadas no que seria o amor livre numa sociedade socialista libertária em construção. Poder-se-ia tratar de uma relação entre homens e mulheres, como de fato se presume ao falarmos de heterossexualidade. Mas, também poder-se-ia tratar de relações entre homens ou então de relações entre mulheres, caso falemos de homossexualidade. Poderíamos falar até mesmo de bissexualidade, levando em consideração relações de homens com outros homens e com outras mulheres, ou ainda de mulheres com outros homens e com outras mulheres.

Tais sugestões nos revelam até que ponto Lucía foi capaz de romper com a heteronormatividade, tão internalizada e naturalizada entre anarquistas²¹ que viveram e amaram no auge do período revolucionário da guerra civil espanhola. O desmantelamento, ainda que parcial, das estruturas que permitiam a exploração dos homens sobre as mulheres, colocou em questão um modelo de união centrado obrigatoriamente entre homens e mulheres, numa relação heterossexual.

Esse questionamento permitiu à nossa cronista entrever possibilidades outras para as pessoas desfrutarem livremente de sua sexualidade e de seus afetos. Essas possibilidades não chegam a ser nomeadas. Para a anarquista, se o amor livre era baseado “numa função simples e natural”, não havia necessidade “da intromissão pública no ato carnal”. Pouco importava se os dois seres que buscavam se unir eram um homem e uma mulher, um homem e outro homem, uma mulher e outra mulher... para a união de dois seres “bastava o livre consentimento de ambos”.

Em virtude da intensificação dos ataques fascistas, Lucía Sánchez Saornil deixou a capital madrilenha em maio de 1937. Em Valencia, para onde se muda, se sente deslocada por dias, interpretando sua atitude como uma traição aos princípios revolucionários. Em testemunho dado meses depois numa crônica de *Fragua Social*, a autora deixa transparecer essa dimensão, a um só tempo racional e sensível, que gostaria de sublinhar aqui. Segue um trecho:

²⁰ Especificamente em: SAORNIL, Lucía Sánchez. La cuestión femenina en nuestros medios II. Barcelona. *Solidaridad Obrera*. 02/10/1935.

²¹ Ainda que a militância anarquista rompa com o discurso religioso e, em alguma medida, com o médico sobre a sexualidade, ainda observa a heterossexualidade como uma condição “natural”, “saudável” e “correta” a ser seguida. Ver: HERMIDA, 2021, p.293-313.

Foi no mês de maio, quando abandonamos Madrid, e não por nossa vontade. Desde então, temos trabalhado com afinco para nos adaptar a este ambiente de frivolidade e mercantilismo que os fenícios vindos de todas as partes do mundo conferiram à Valencia. Empenho inútil; de momento em momento, vem a lembrança de Madrid, não a imagem de Madrid, mas o sentimento de Madrid, que chega até nós, nos tortura e nos acusa de uma traição (SAORNIL, Lucía Sánchez. El derecho al sacrificio. *Fragua Social*. Valencia. 23/10/1937).

Sua chegada na capital levantina – paradoxalmente ou não – coincidiu com o declínio do período revolucionário, em virtude das crescentes intervenções dos setores antifascistas que desejavam uma saída à burguesa da guerra civil. Lenta, porém, progressivamente, os sindicatos foram sendo esvaziados de suas funções na economia, as coletividades limitadas, as milícias operárias militarizadas, as atividades culturais patrulhadas, as experiências pedagógicas retraídas ...

Seja como for, a sobreposição dos interesses bélicos aos interesses revolucionários acabou tendo efeitos duráveis sobre as relações sociais de gênero, em Madrid e outras cidades liberadas do jugo fascista. As movimentações das mulheres no espaço público passaram a ser mais controladas, as frentes de batalha se convertem em lugares essencialmente masculinos, as políticas sexuais foram revertidas, e as tentativas de instrumentalizar as organizações femininas cresceram significativamente.

Se interrogarmos no que se tornou a experiência espanhola depois disso, imersa no mais tímido republicanismo burguês, somos obrigados a concluir pelo encerramento daquela nova era introduzida pelo socialismo libertário no 19 de julho de 1936. Sem dúvida esse processo se encerra em março de 1939, com a entrada das tropas fascistas em Madrid. No entanto, ele se inicia em maio de 1937, com a guinada contrarrevolucionária capitaneada por setores do próprio antifascismo. Não foi apenas o fim das coletividades, dos sindicatos autônomos, das escolas racionalistas, das milícias populares, das uniões livres.... Foi também o fim de uma forma de trabalhar, de educar, de lutar, de amar...

Ao que parecia, as advertências da cronista em fevereiro de 1937 não foram suficientemente levadas a sério: “É verdade ser necessário ganhar a guerra para a revolução; mas... muita atenção! É preciso atuar revolucionariamente ao mesmo tempo; posição que, caso descuidemos, a contrarrevolução ocupa” (EL OBSERVADOR [SAORNIL, Lucía Sánchez]. *Revolución y contrarrevolución – Puntos de Vista. CNT. Madrid. 09/02/1937*).

Referências

Imprensa

CNT, Madrid. 1932-1933; 1934; 1936-1939.

Fragua Social. Valencia. 1936-1939

Juventud Libre. Madrid. 1936-1939

Mujeres Libres. Madrid-Barcelona. 1936-1939

Solidaridad Obrera. Barcelona.1935- 1939

Audiovisual

BERGER, Liza; MAZER, Carol. *De toda la vida*. 1986.

Bibliografía

ACKELSBURG, Martha. *Mulheres Livres: a guerra civil espanhola e a emancipação feminina*. Editora Elefante: São Paulo. 2019.

ANDERSON, Andrew. Lucía Sánchez Saornil, poeta ultraísta, *Salina: revista de lletres*. Barcelona. nº 15, 2001, p.195-202.

ARGUELLES, Nuria Capdevilla. *Autoras inciertas: voces olvidadas de nuestro feminismo*. Horas y Horas la editorial: Madrid, 2008.

ASSENS, Rafael Cansino. *La novela de un literato*.Madrid: Alianza Editorial, 1982.

BERNARD, Margherita. Mujeres libres: estrategias comunicativas entre propaganda y cultura. in: BERNARD, Margherita (Orgs.);ROTA, Ivana (Orgs). *Mujer, prensa y libertad (España 1883-1939)*. Sevilla: Renacimiento, 2015,p.13-38.

CASAMITJANA, Rosa Maria Martín. (Org). Lucía Sánchez Saornil-Poesía. IVAM/PRE-TEXTOS: Valencia, 1996.

EIZENBERGER, Hans Magnus. *O curto verão da anarquia*. São Paulo:Companhia das Letras,1987.

FONTANILLAS, Antônia. Introducción. In: FONTANILLAS, Antônia; MUÑOZ, Pau Martinez (Org). *Lucía Sánchez Saornil: poeta, periodista y fundadora de Mujeres Libres*. Lamalatesta: Madrid, 2014, p.23-69.

FONTANILLAS, Antonia. A la búsqueda de Lucía Sánchez Saornil, pionera del humanismo integral. *Orto*. Valencia. Julho/Setembro, n 150, de 2008, p.28-32.

HERMIDA, Yanira Martín. Buscando bajo las piedras: ¿Dónde están las referentes lesbianas del movimiento libertario español?. *AspArkíA*. Barcelona, n 38; 2021,p. 293-313. Disponível

em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/asparkia/article/view/4557/6545> . Acesso em:16/08/2021.

MARIN, Dolors. Mujeres Libres: el derecho al próprio cuerpo. In: ROA, Paula Ruiz. (Org.). *Jornadas 80 Aniversario de la Federación Nacional de Mujeres Libres - La lucha de todos los tiempos*. Madrid: Confederación General del Trabajo, 2018,p.212-247.

MIGUEL, Giuliana; ROTISCHELLI, Michele; SILVA, Thiago Lemos. Lucía Sánchez Saornil: vida e obra de uma “Mujer Libre”. In: SAORNIL, Lucía Sánchez. *A questão feminina em nossos meios*. Biblioteca Terra Livre/Editorial Eleuterio. Santiago/São Paulo. 2015, p.13-29.

NASH, Mary. Rojas. *Las mujeres republicanas en la Guerra Civil*. Taurus:Madrid, 1999.

RAGO, Margareth. O anarco-feminismo espanhol: Lucía Sanchez Saornil e Amparo Poch y Gascón. *Labrys/Estudos Feministas*. Brasília. Janeiro/Dezembro, 2009. Acesso em: <https://www.labrys.net.br/labrys15/teorias/marga.htm>. Acesso em: 13/08/2021.

RAGO, Margaret; BIAJOLI, Maria Clara Pivato (Orgs). *Mujeres Libres da Espanha: documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

SAORNIL, Lucía Sánchez. *La exacta medida de lo humano - Prosa (1913-1939)*. Anarquismo en PDF, 2021. Disponível em: https://mega.nz/file/EBAjVCga#Qhh9IykktdIP_6Sj9HCpmmnwCygaFWkztO6ppZPDw4M . Acesso em: 13/08/2021.

SAORNIL, Lucía Sánchez. *A questão feminina em nossos meios*. Biblioteca Terra Livre/Editorial Eleuterio. São Paulo/Santiago, 2015.

SAORNIL, Lucía Sánchez Saornil. *Romancero de Mujeres Libres*. Mujeres Libres. [1938].

SAORNIL, Lucía Sánchez. *Horas de Revolución*. Mujeres Libres. [1937].

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, Julho/Dezembro 1995, n.20. p.71-99.

SILVA, Thiago Lemos. Sexualidade, amor e moral no anarquismo espanhol: reflexões a partir de Lucía Sánchez Saornil. *Revista Alpha*. Patos de Minas.n.18, 2017,p.86-99.

URIGUEN, María Losada. El periódico CNT de Madrid en su primera etapa (1932-1934). In: URIGUEN, María Losada (Orgs.). *CNT: El hilo rojinegro de la prensa confederal*. CNT/FAL/Queimada Ediciones: Madrid. 2012,p.15-39.

Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 26/09/2022.